


SOBREDOTAÇÃO

2012/2013

Vol. 13/14

an
eis
na



associação nacional
para o estudo e intervenção
na obredotação

Diretor:

Cristina Palhares (ANEIS)

Diretores Adjuntos:

Alberto Rocha (ANEIS), Marcelino Pereira (Univ. Coimbra) e Leandro S. Almeida (Univ. do Minho)

Coordenação Editorial:

Ana Sofia Melo e Helena Fonseca

Conselho Científico:

Adelina Guisande (Univ. Santiago de Compostela, Espanha), Adelinda Candeias (Univ. Évora), África Borges (Univ. La Laguna, Espanha), Ana Cristina Almeida (Univ. Coimbra), Carmen Pomar (Univ. Santiago de Compostela, Espanha), Ema Oliveira (Univ. Beira Interior), Eunice Alencar (Univ. Católica de Brasília, Brasil), Fátima Morais (Univ. Minho), Fátima Simões (Univ. Beira Interior), Feliciano Veiga (Univ. Lisboa), Filomena Ponte (Univ. Católica Portuguesa), François Gagné (Univ. Québec à Montréal, Canada), Franz Monks (Univ. Nijmegen, Holanda), Glória Franco (Univ. Madeira), Helena Rodrigues (Univ. Nova de Lisboa), Isabel Alberto (Univ. Coimbra), Javier Tourón (Univ. Navarra, Espanha), Joan Freeman (Univ. Middlesex, Reino Unido), José F. Cruz (Univ. Minho), José Maia (Univ. Porto), Lúcia Miranda (ISET - Porto), Luísa Faria (Univ. Porto), Maria Dolores Prieto (Univ. Murcia, Espanha), Maria João Seabra-Santos (Univ. Coimbra), Maria José Iglésias (Univ. Corunha, Espanha), Marsyl Mettrau (Univ. Estado do Rio de Janeiro, Brasil), Mário Simões (Univ. Coimbra), Olga Diaz Fernandez (Univ. Santiago de Compostela, Espanha), Pedro Rosário (Univ. Minho), Ricardo Primi (Univ. S. Francisco, Brasil), Sara Bahía (Univ. Lisboa), Sara Ibérico (Univ. Lusófona), Zenita Guenther (Univ. Federal de Lavras, Brasil).

Editor:

ANEIS - Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação
Ao c/ Psiquilíbrios: Av. Alfredo Barros , 20 - Apartado 3048 - 4715-350 Braga

www.aneis.org | email: aneisportugal@hotmail.com

Editorial:

email: crispalhares@sapo.pt

ISSN: 0875-0106

Depósito Legal: 156596/00

A revista SOBREDOTAÇÃO é editada anualmente pela Associação Nacional para o Estudo e a Intervenção na Sobredotação (ANEIS). Pretende-se com esta revista divulgar junto dos profissionais e da opinião pública os estudos realizados em Portugal e no estrangeiro na área da sobredotação.

Aceitam-se artigos originais mais diretamente relacionados com as abordagens da psicologia e da educação, estando ainda a revista SOBREDOTAÇÃO recetiva a textos de outras áreas científicas que possam ser relevantes para a compreensão do conceito de sobredotação, formas da sua identificação e modelos de intervenção. Particular destaque será dado à divulgação dos resultados de projetos de investigação centrados na avaliação e no atendimento dos alunos sobredotados, bem como de programas e experiências do quotidiano escolar tendo em vista o apoio a tais alunos.

Enquanto revista científica, SOBREDOTAÇÃO pretende contribuir para o aumento da investigação, mas igualmente proporcionar um espaço de reflexão crítica sobre as questões em aberto relativas à definição de sobredotação ou aos modelos e formas concretas de avaliação e de intervenção nesta área.

A revista SOBREDOTAÇÃO publica artigos em língua portuguesa, espanhola ou inglesa. Textos noutras línguas, quando aceites, serão traduzidos para português.

CRIANÇAS SOBREDOTADAS: ESTUDO DE CASO SOBRE AS PERCEÇÕES PARENTAIS


Catarina P. Faria & Ana P. Antunes | Universidade da Madeira | Portugal

Resumo: Os pais desempenham um papel importante no desenvolvimento dos filhos, pelo que, na presença de caraterísticas específicas, como é o caso da sobredotação, importa dar-lhes informação apropriada e reconhecer os seus contributos no processo de identificação e de intervenção. Neste trabalho procuramos refletir e aprofundar o conhecimento sobre as perceções dos pais de filhos com características de sobredotação, através da descrição de um estudo de caso, tomando em consideração um encarregado de educação, do género masculino, pai de um aluno com essas características, a frequentar o 5º ano de escolaridade numa escola portuguesa. Os dados foram recolhidos através de uma entrevista semiestruturada, construída para o efeito, e analisados através de análise de conteúdo. O discurso deste pai, ainda que não permita generalizações, permite algumas reflexões sobre a prática e futuras investigações, destacando-se o envolvimento parental na escola e o sistema de comunicação entre a escola e a família.

Palavras-chave: Sobredotação; Parentalidade; Perceções, Práticas educativas.

Introdução

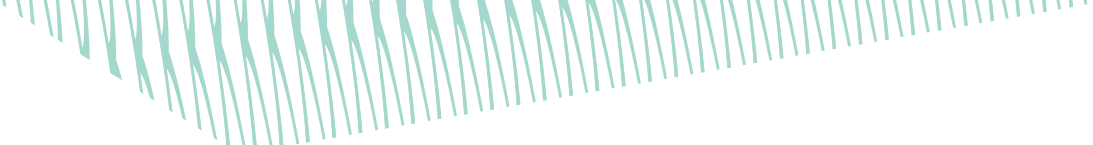
Na última década, a sobredotação foi progressivamente se afirmando como uma área de investigação importante no âmbito da Psicologia e das Ciências Sociais devido a uma crescente consciencialização dos profissionais pela necessidade de respeitar as diferenças individuais. A investigação psicológica esteve durante muito tempo focada nas disfunções, incapacidades e patologias, interessando-se apenas recentemente pela excelência e pelo potencial humano



(Araújo, 2010). Porém, o crescimento da produção científica sobre a sobredotação em Portugal, evidente na publicação de algumas teses de mestrado na última década sobre a temática, revela-se ainda incipiente e dispersa, reflexo de um atraso significativo em relação ao acompanhamento e avaliação dos alunos com altas habilidades como, por exemplo, acontece nos Estados Unidos da América (Almeida, Pereira, Miranda, & Oliveira, 2003; Fleith, Almeida, Alencar, & Miranda, 2010).

A consulta de estudos nacionais sobre a sobredotação revela que se têm focado sobretudo na identificação, avaliação e intervenção de crianças e jovens em idade escolar (Araújo, 2010; Silva, 2008) ou nas representações dos professores (Almeida, et al., 2003; Pacheco, 2008). Embora a Região Autónoma da Madeira (RAM) se destaque na temática da sobredotação, pela maior tradição e trabalho realizado na área da identificação e do apoio disponibilizado aos sobredotados (Antunes & Almeida, 2008), os estudos regionais centram-se também na criança, na intervenção e nas perceções dos docentes. Parece que, tanto a nível nacional como regional, o estudo sobre as perceções e vivências dos pais de crianças e jovens com altas habilidades é relativamente recente (Alves, 2008; Azinheiro & Martins, 2005; Cardoso, 2008; Fleith, et al., 2010; Rodrigues, 2010) e carece, em nosso entender, de maior exploração, na medida em que os pais de crianças com altas habilidades desempenham um papel importante no seu desenvolvimento integral (agentes catalisadores ou inibidores), e estabelecem as exigências e as necessidades para a educação dos filhos em função das suas representações sobre as altas habilidades (Guenther, 2000; Rodrigues, 2010). É sabido que a especificidade das características das crianças com altas habilidades pode constituir um verdadeiro desafio ao exercício da parentalidade (Aespsi, 2007; Azinheiro & Martins, 2005) apesar de algumas pesquisas demonstrarem que as famílias com crianças sobredotadas, quando comparadas com as famílias com crianças sem sobredotação, apresentam menor vivência de situações de stress na rotina familiar (Aspesi, 2003).

Importa que as famílias com crianças com altas habilidades não sejam estereotipadas, uma vez que se verifica uma grande variabilidade entre elas, evidente na diversidade do tipo e do número de problemas que apresentam



(Pérez, 2000). Por um lado, alguns estudos parecem revelar que, em grande parte dos casos, as crianças sobredotadas são filhos únicos e mais velhos, em famílias que possuem um nível educativo superior e boas condições socioeconômicas, constituindo-se estes fatores facilitadores de um desenvolvimento integral da criança (Aspesi, 2003; Rodrigues, 2010). Mas, por outro lado, outros estudos apontam para uma caracterização familiar distinta, encontrando-se pais pertencentes a um nível socioeconômico baixo e sem formação superior, facto este que pode significar uma mudança de paradigma e/ou uma consciencialização dos estereótipos sociais e académicos que poderão envolver o processo de identificação (Tai, 2012). Nesse sentido, Chagas e Fleith (2009) demonstraram preocupação em conhecer a realidade das crianças com características de sobredotação em meios socioeconómicos mais desfavorecidos, que são frequentemente esquecidas devido aos estereótipos sociais e académicos, indicando os resultados que as características familiares são muito semelhantes às da classe média, especialmente no que se refere à prioridade conferida à educação dos filhos.


De uma forma geral é reconhecido que os pais devem ser incluídos no processo de sinalização e avaliação, pois são observadores privilegiados dos comportamentos dos filhos e dos seus marcos do desenvolvimento. Contudo, as famílias (mães e pais) percecionam o processo de identificação e de avaliação de uma forma diferente. As mães são mais sensíveis à identificação da características que as distinguem de outras crianças e são elas que, frequentemente, pedem para as crianças serem avaliadas, reflexo do ambiente cultural em que os aspetos referentes à educação foram atribuídos ao papel materno. Após a avaliação e, conseqüente, diagnóstico, as mães sentem-se aliviadas por verem as suas suspeitas confirmadas, enquanto os pais demonstram um maior ceticismo (Oliveira, 2007; Rotigel, 2003). Há até pais que por temerem a exclusão da criança pelo seu grupo de pares, omitem ou negam a sobredotação das crianças, acreditando que estão protegê-la (Silva, 2012). Pérez (2000) e Alves (2008) referem ainda que os pais tendem a relacionar a sobredotação com “génio e prodígio”, enquanto as mães ampliam o conceito, enfatizando a capacidade de aprender e de ter talentos especiais.

De uma forma geral, os pais e as mães não parecem focados apenas no nível do quociente de inteligência, mas também valorizam o esforço que as crianças despendem numa determinada tarefa (Tai, 2012). E, embora reconheçam que a sobredotação pressupõe que a criança não tenha um rendimento extraordinário em todas as áreas, alguns progenitores apresentam dificuldades em apontar a existência de interesses específicos por parte das crianças (Rodrigues, 2010).

Visto que alguns pais não possuem parâmetros de referência em relação ao ritmo e ao nível de desenvolvimento da criança, bem como ao grau de realização demonstrada nas tarefas executadas, importa integrar os docentes na identificação da sobredotação, os quais são, por vezes, os primeiros a reconhecer algumas características distintivas na criança (Almeida & Oliveira, 2000). Por exemplo, na RAM a primeira sinalização de alunos potencialmente sobredotados parece ser realizada, na maior parte dos casos, pelos docentes ou encarregados de educação (Teixeira, 2011).

Importa referir que, no decorrer do processo de identificação das características de sobredotação da criança, dada a necessidade de a avaliação ser multidimensional, deve fazer-se uso, não apenas de testes cognitivos e de rendimento, mas também da recolha de informações a partir do grupo de pares, dos pais, dos professores e da própria criança, utilizando grelhas de observação, escalas, provas académicas e testes de criatividade (Comes, Díaz, Luque, & Moliner, 2008). E, em determinados casos, tendo em conta as manifestações específicas da sobredotação e dos talentos, pode recorrer-se a técnicos especializados da comunidade para fazer a avaliação e/ou integra-se a criança em atividades pontuais de enriquecimento de forma a recolher mais dados que poderão ser úteis para o diagnóstico (Teixeira, 2011).


O desconhecimento da sobredotação e das suas diversas características por parte dos pais e dos professores pode conduzir a uma primeira rotulagem falaciosa das crianças como tendo dificuldades de aprendizagem, hiperatividade e défice de atenção, os frequentemente denominados “falsos negativos” (Langel, Pires & Tronconi, 2009). Além disso, os estereótipos sociais também têm condicionado a identificação de crianças com altas habilidades



que provêm de meios socioeconômicos baixos, que têm deficiência, baixo rendimento acadêmico e que são do sexo feminino (Pérez, 2004). Por isso, torna-se relevante uma maior sensibilização e formação sobre a temática dos técnicos e educadores que permitam a agilização da prestação de serviços adequados.

Alguns autores (Fleith, 2007; Winner, 1996) referem que os pais de crianças com altas habilidades tendem a dar uma importância significativa à educação e ao tempo que a criança investe nela, empenhando-se em criar um ambiente rico em estímulos, visando o desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades da criança. Este cuidado meticuloso dos pais poderá estar associado a expectativas irrealistas, nomeadamente o fato de esperarem manifestações perfeccionistas das crianças em muitas áreas do seu desenvolvimento e desempenho, encarando-a frequentemente como “genial” (Rodrigues, 2010). Quando existe uma pressão para a criança sobredotada atingir elevados níveis de desempenho, tanto os pais como os filhos podem sentir-se excessivamente ansiosos quando percebem o desfasamento entre as suas expectativas e os níveis de realização da criança (Alves, 2008; Langel et al., 2009). Embora a maioria das crianças apresente sucesso escolar, num estudo realizado por Pérez (2000) verificamos que 15% dos inquiridos manifestava um baixo rendimento acadêmico. A baixa realização escolar, traduzindo um desfasamento entre o potencial cognitivo e o rendimento acadêmico, poderá dever-se à existência de conflitos familiares provocados por atitudes parentais inconsistentes, clima familiar caracterizado por austeridade e elevadas expectativas parentais em relação ao rendimento acadêmico (Reis & Mccoach, 2000; Trancoso, 2011), o que poderá conduzir a um menor grau de apoio e compreensão das necessidades da criança (Alencar, 2007). Além disso, um ambiente escolar pouco estimulante centrado na normalização do ritmo e da forma de aprendizagem e no excesso de exercícios repetitivos pode também ser explicativo de um rendimento acadêmico muito inferior ao seu potencial.

Os pais de crianças com altas habilidades revelam frequentemente três áreas comuns de preocupação: a escola (preocupações com possíveis dificuldades relacionadas com o comportamento indisciplinar e irrequieto da criança na sala de aula, com o incumprimento das tarefas académicas propostas pelos professores, com a potencial desmotivação da criança pela não adoção



de métodos pedagógicos diferenciados e a valorização de determinados aspectos na avaliação que pode penalizar a criança como a má caligrafia), o diálogo família - escola (dificuldades em comunicar adequadamente à escola as características da criança e a razão de necessitarem de práticas educativas especiais) e as competências interpessoais da criança (dificuldades dos pais em lidar com comportamento de baixa tolerância à frustração e reações emocionais negativas excessivas, com a dependência emocional, o comportamento introvertido e isolado que a criança apresenta) (Azinheiro & Martins, 2005). Ainda em relação às competências interpessoais, embora os pais indiquem que os seus filhos apresentam um bom processo de socialização, consideram também que estes têm tendência a isolar-se e a optarem por atividades intelectuais em vez de jogos interativos com outras crianças (Pérez, 2000, Rodrigues, 2010).

No entanto, a dificuldade dos pais em lidarem com a discrepância entre o desenvolvimento intelectual e emocional da criança sobredotada é apontada como o seu maior desafio nas relações com os filhos, porque esperam, muitas vezes, comportamentos típicos de uma criança mais velha tendo em conta apenas a sua elevada capacidade intelectual (Alencar, 2007; Goethel, 2012; Pickel, 2011). Tendo em conta a disparidade entre a cognição e a emoção nas crianças com altas habilidades, faz sentido que a intervenção educacional não se encerre apenas nos objetivos académicos, mas que seja alargada ao reconhecimento, clarificação e autorregulação das emoções com o objetivo de atenuar esta vulnerabilidade característica da sobredotação (Fleith, et al., 2010; Silva & Fleith, 2008).

Por vezes, os pais podem sentir algum receio que as suas práticas educativas impeçam o desenvolvimento integral da criança, levando-os a adotar um estilo parental permissivo e pouco estruturante quando comparado com outras famílias (Azinheiro & Martins, 2005). O estilo parental democrático é considerado como aquele que apresenta aspetos mais favoráveis ao desenvolvimento holístico das crianças com sobredotação, sendo que a participação dos pais em programas de formação parental específicos pode ser um fator determinante na adoção desse estilo (Tai, 2012). Aliás, algumas medidas de intervenção junto de crianças sobredotadas podem contemplar também ações junto

dos vários elementos do sistema familiar e junto dos vários intervenientes do sistema escolar (Robinson, Shore, & Enersen, 2007). No entanto, as perceções dos pais sobre a adequação dos apoios educativos às altas habilidades dos filhos nem sempre são favoráveis, sendo que grande número de pais pode considerar que na sua zona de residência não existem recursos adequados para colmatar as necessidades educativas dos seus filhos (Pérez, 2000). Este aspeto releva-se importante e pode traduzir-se numa maior atenção e empenho dos pais, quando verificamos que as famílias com crianças sobredotadas também podem manifestar, segundo a perceção dos professores, uma maior participação na vida académica dos filhos quando comparada com famílias com crianças sem sobredotação (Aspesi, 2003).

Além disso, no que toca ao desenvolvimento de carreira o papel dos pais é fundamental. Algumas crianças sobredotadas, por possuírem multipotencialidades, podem apresentar uma maior dificuldade em desenvolver e definir objetivos pessoais e profissionais (Maxwell, 2007; Tam, 2012). Noutras circunstâncias, os pais podem pressionar os filhos a seguirem carreiras mais valorizadas socialmente, em detrimento de aspirações com menor prestígio social, deixando de atender aos seus reais interesses (Trancoso, 2011; Virgolim, 2003), embora refiram que não idealizam um percurso escolar específico que gostariam que os seus filhos seguissem (Rodrigues, 2010). Na verdade, os pais assumem um papel importante no planeamento da carreira dos filhos desde a infância, mesmo antes da entrada no ensino regular, pois ao inscreverem as crianças em determinadas atividades extracurriculares já vão modelando e influenciando a sua trajetória escolar e profissional (Learning, 2004; Silva & Fleith, 2008).

Dada a importância que os pais assumem no desenvolvimento pessoal e escolar dos filhos definimos, como objetivo principal deste estudo, refletir e aprofundar o conhecimento sobre as perceções dos pais com filhos com características de sobredotação através da descrição de um estudo de caso.

Metodologia

Participantes

O estudo é descrito numa lógica de estudo de caso com a participação de um único sujeito do género masculino, com 40 anos de idade, pai e encarregado de educação de um aluno do género masculino, a frequentar o 5º ano, do 2º ciclo do ensino básico, numa escola pública da RAM.


Instrumentos

Os dados foram recolhidos através de uma entrevista semiestruturada construída para o efeito e partindo de outros estudos realizados (Alves, 2008; Candeias et al., 2003). Depois da formulação de um guião semiestruturado, procurando aprofundar vivências específicas em função dos objetivos do estudo, foi realizada uma primeira entrevista, a uma encarregada de educação de uma criança com a medida educativa de aceleração, com o intuito de testar a adequação dos temas questionados e a eventual necessidade de reestruturação de algumas questões.

O guião final da entrevista resultou numa estrutura com questões organizadas por temáticas mais genéricas como os dados sociodemográficos, o conceito de sobredotação e o processo de diagnóstico, o desenvolvimento e as práticas educativas familiares, as práticas educativas escolares e as expectativas em relação ao educando.

Procedimentos

O contato com o participante foi realizado através de correio eletrónico, explicando os objetivos do estudo e agendando a realização da entrevista, depois de o mesmo ter dado autorização à Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos (Madeira), para ser contactado por nós e participar no estudo. A entrevista teve a duração de 45 minutos e foi registada em suporte áudio, mediante autorização do participante, garantindo-se os princípios da confidencialidade e do anonimato. Seguidamente, procedeu-se à transcrição integral da



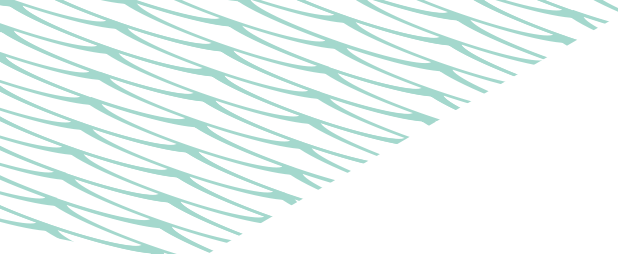
entrevista e respetiva análise de conteúdo, tomando como referência de análise tópicos orientadores da entrevista, ou seja, as percepções do educador sobre o conceito de sobredotação e o processo de diagnóstico, sobre o desenvolvimento e as práticas educativas familiares, sobre as práticas educativas escolares e sobre as expectativas em relação ao educando.

Apresentação e discussão dos resultados

A apresentação e a discussão dos dados são feitas em simultâneo, seguindo os tópicos orientadores da entrevista relacionados com as percepções parentais sobre a sobredotação, ou seja, as percepções do participante sobre o conceito de sobredotação e o processo de diagnóstico, o desenvolvimento do filho e as práticas educativas familiares, as práticas educativas escolares e as expectativas futuras em relação ao educando.

O conceito de sobredotação e processo de diagnóstico

O modo como os pais percebem a sobredotação é um aspeto fundamental, uma vez que, essa conceção vai influenciar o tipo de suporte e as oportunidades educacionais que a família oferece à criança sobredotada (Maia-Pinto, 2012). No entanto, a conceção de sobredotação ainda se encontra envolta em mitos e estereótipos, que têm implicações no processo de compreensão dos pais acerca das características e das necessidades dos filhos (Fleith, 2007), sendo que a definição que o entrevistado do nosso estudo apresenta também parece revelar um conhecimento pouco preciso sobre a sobredotação e as suas diversas características. Ao afirmar “Sobredotação são algumas características que algumas crianças têm que as fazem evidenciar em relação às outras crianças.” ou “Sobredotação pode ser, por exemplo, muito bom a matemática...” verificamos que tende, como outros pais, a comparar o filho sobredotado com outras crianças com a mesma idade ou do mesmo ano de escolaridade (Pickel, 2011), e a associar o fenómeno da sobredotação apenas a capacidades cogniti-



vas e ao desempenho acadêmico em detrimento de outras características como a criatividade, a motivação ou o elevado envolvimento na tarefa, entre outros (Fleith, 2007; Maia-Pinto, 2012).

Quanto ao processo de diagnóstico, o encarregado de educação refere que: “Foi o professor da primária que ao fazer um teste de matemática com grau de dificuldade variado (...) a partir daí foi indiciado como sobredotado e depois fizeram, acho eu, mais algum teste com uma equipa apropriada”.

Este facto remete-nos para a importância do papel dos professores, pois em alguns casos a primeira identificação da criança é realizada pelos docentes apesar dos pais, de uma forma geral, se encontrarem, potencialmente, em melhores condições para identificar os comportamentos dos filhos que o diferenciam das outras crianças, uma vez que possuem mais informações a respeito do desenvolvimento, das atividades e das características da criança (Alves, 2008; Silva, 2012).

Neste caso, o entrevistado refere o motivo da identificação, o período em que ocorreu, mas parece revelar algum desconhecimento acerca do processo de avaliação e identificação da sobredotação do filho e das características excecionais da própria criança, o que poderá indiciar pouco envolvimento do pai no processo de avaliação e/ou escassa troca de informações entre os técnicos e a família.

Desenvolvimento da criança e práticas educativas familiares

De acordo com a perceção de alguns pais, as crianças com sobredotação atingem alguns marcos do desenvolvimento precocemente e apresentam também outras características incomuns na sua faixa etária como, por exemplo, intensa curiosidade, elevada capacidade de memorização, pensamento abstrato, motivação para aprendizagem e um elevado sentido de humor (Pickel, 2011). Porém, por serem um grupo bastante heterogéneo, as perceções parentais podem divergir e apontar noutro sentido com afirma o nosso entrevistado: “Em relação a falar lembro-me perfeitamente que ele começou tarde relativamente à sua idade”. No entanto, esta interpretação acerca do desenvolvimento

da criança pode estar relacionada com uma questão cultural, ou seja, traduzir o facto de que alguns aspetos referentes ao crescimento e educação do filho ainda serem atribuídos maioritariamente ao papel materno e, dessa forma, o pai não os conseguir relatar:

“Mas mais a mãe é que se lembra (...) a mãe é que é capaz de lhe dizer ao certo os meses. (...) Não sei se foi aos 9 meses mas lembro-me perfeitamente a mãe se lamentar que ele era muito mais atrasado”.

Contudo, este pai também reconhece que o filho apresenta um comportamento diferente para a sua faixa etária como é expectável na área da sobredotação (Maia-Pinto (2012), demonstrando hábitos de leitura pouco comuns:

“Todos os fins-de-semana vou com ele à livraria deixou-o à vontade para escolher os livros que ele quer e ele escolhe os livros dessa coleção. Todas as semanas ele escolhe dois, três, quatro livros. E durante a semana ele lê essa quantidade de livros e no fim-de-semana seguinte repete-se novamente o ritual”.

O fenómeno da sobredotação tem um impacto nas práticas educativas familiares, podendo modificar os papéis exercidos e as interações entre pais e filhos no contexto familiar (Alves, 2008). Após o diagnóstico, os pais apontam como principais alterações familiares o aumento da ansiedade a respeito do comportamento das crianças e do volume de estímulos que lhe devem ser facultados, facto que também acontece neste caso: “Encontrar novos temas ou matérias que motivem o interesse dele (...) Se nós não conseguirmos com que ele se motive é mau.” Além disso, alguns pais também mencionam que têm algum desconhecimento a respeito das necessidades e das características que os filhos e dúvidas sobre como atuar (Aspesi, 2007), sendo que o pai entrevistado revela que: “A diferença que eu noto é que é preciso ter muita paciência, porque por vezes é esgotante. Tanto eu como a mãe, muitas vezes, sentimo-nos completamente esgotados...”. Neste sentido, várias instituições nacionais que trabalham na área da sobredotação estão cientes destas necessidades parentais e, por isso, disponibilizam apoio às famílias e promovem o seu envolvimento na educação da criança sobredotada, assim como a nível regional existem equipas de apoio multidisciplinar que fornecem serviços de apoio às famílias (Fleith, et

al., 2010).

No entanto, este encarregado de educação não parece usufruir destes serviços atualmente.

Práticas educativas escolares

Face à situação escolar o pai revela que:


“Ele deve ter algum acompanhamento na escola por ser indiciado como sobredotado (...) Porque se ele não estiver motivado ou não se sentir motivado para os assuntos escolares acho que, pura e simplesmente, não liga muito...”.

Tal afirmação parece refletir a crença na escola como promotora de um ambiente de aprendizagem que possa atender às idiossincrasias intelectuais e académicas da criança para que ela possa sentir-se desafiada academicamente (Goethel, 2012). Aliás, a educação formal aparece valorizada pelos pais de crianças sobredotadas, que a colocam numa posição prioritária no contexto familiar, independentemente do nível socioeconómico e da escolaridade dos pais. De uma forma geral, os pais demonstram elevadas expectativas em relação ao desempenho dos filhos e desejam que a experiência académica contribua para o desenvolvimento da criança em outros contextos de vida (Fleith, 2007).

Quanto às medidas educativas escolares adotadas, o pai refere que “quando ele estava na primária ele tinha diferenciação”, uma estratégia que visa atender aos interesses individuais do aluno e reforça o seu potencial de aprendizagem em uma ou mais áreas de estudo no contexto de sala de aula (Bastos, 2009). Atualmente, a perceção que o pai possui a respeito da intervenção educacional junto do filho é mais difusa e traduz algumas dificuldades que os professores podem sentir ao lecionar alunos com estas características, quando afirma:

“...alguns professores não gostam de ter uma criança sobredotada na sala porque pode questioná-los ou pode desafiá-los ou então perturbar a aula. Há professores, pelo que me apercebi que não aceitam tão bem como o professor da primária aceitou”.

Esta perceção parental é frequente em alguns relatos, uma vez que os



pais manifestam-se geralmente insatisfeitos com o sistema de avaliação escolar, a falta de eficiência nos métodos de ensino e a pouca preparação dos docentes em lidar com crianças com estas características (Pérez, 2000). No entanto, importa lembrar que esta é a percepção de um encarregado de educação sobre o seu caso específico, facto que pode não ser partilhado por outros pais. Mesmo assim, este aspeto que refere remete-nos para a questão da mudança de ciclo escolar e a importância de preparar a transição entre ciclos, e adequar as medidas educativas ao longo do percurso académico dos alunos.

Quando equacionada a hipótese de uma aceleração o pai manifestou alguma preocupação: “Falou-se na hipótese muito hipotética. A aceleração, eu também penso que não é adequado pelo menos no caso dele, porque ele tem problemas de socialização”, indo ao encontro a outras investigações onde se observa que existe uma resistência dos pais à sua aplicação, receando desajustes emocionais ou dificuldades de aprendizagem ainda que os dados apontem para efeitos benéficos nos alunos em virtude de aceleração (Maia-Pinto, 2012).

No entanto, ainda no âmbito da intervenção educacional, o pai avaliou a realização de atividades pontuais de enriquecimento fora do contexto escolar como extremamente positivas devido à oportunidade da criança interagir com outras crianças com interesses semelhantes, promovendo dessa forma o seu desenvolvimento social. Aliás, os problemas de socialização foram um dos temas mais referido pelo pai durante a entrevista, sendo que a literatura também nos revela que esta é uma das preocupações mais comuns dos pais, ou seja, que as crianças com sobredotação tendem a desenvolver problemas sociais e emocionais (Pickel, 2011). Contudo, a crença existente de que as crianças com sobredotação seriam mais suscetíveis a terem problemas sociais pode não ser totalmente verdadeira, pois encontram-se crianças com sobredotação quem apresentam habilidades sociais que as ajudam nas relações interpessoais, manifestando sentimentos mais positivos em relação a si mesmas, além de maior maturidade nas suas interações com os seus pares (Lehamn & Erdwins, 2004).


Expetativas em relação ao educando

Neste caso, o pai não manifesta as suas expetativas de uma forma detalhada a respeito do futuro académico do seu filho: “E depois penso que no futuro que ele vai ter uma formação de acordo com os seus interesses...”, porém a importância que a família atribui à educação, as teorias implícitas que os pais transmitem podem influenciar o desempenho das crianças. As crenças e as expetativas que os pais possuem em relação do futuro do seu educando são extremamente importantes, uma vez que as crianças são influenciadas por aquilo que acreditam ser para os seus pais as áreas indicadoras de sucesso na vida, nomeadamente um bom desempenho na área académica e uma conduta adequada (Trancoso, 2011). Neste caso, como a área de interesse da criança é a astronomia, o pai tomou medidas para frequentar um curso de nível secundário sobre esta temática em conjunto com a criança. Desta forma, o pai orientou os seus interesses para a área na qual a criança revela talento e interesse e investe no seu progresso (Silva, 2012).

Considerações finais

A realização deste estudo exploratório, ainda que de sujeito único, permite-nos tecer algumas considerações em relação às percepções parentais sobre as crianças com características de sobredotação e lançar pistas em termos de trabalhos futuros.

Este encarregado de educação parece viver a sobredotação do filho como uma experiência desafiadora, revelando, no entanto, algumas dúvidas no exercício da sua parentalidade. Além disso, o seu relato revela que não parece conhecer atualmente, e de forma específica, as medidas adotadas em contexto escolar, ainda que no Decreto Legislativo Regional nº 33/2009/M de 31 de Dezembro, artigo 40º, se leia que o acompanhamento dos alunos sobredotados deve ocorrer através da aplicação de estratégias de intervenção como: “aplicação de estratégias específicas de intervenção, sob a forma de medidas de antecipação e



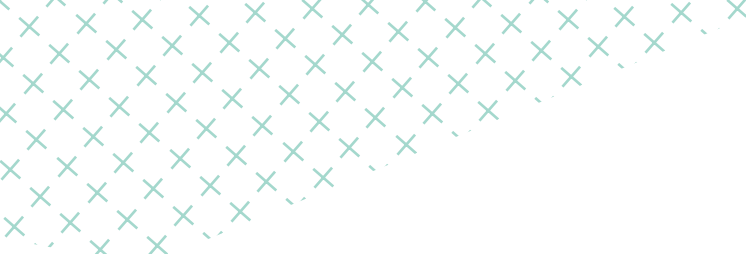
progressão, atividades de enriquecimento ou outro tipo de programa, de acordo com a legislação em vigor” (p. 8844), sendo dinamizadas, por exemplo, várias atividades de enriquecimento, no campo das artes, da proficiência motora e das ciências (Teixeira, 2011).

Claro que o número de participantes, apenas um, não constitui uma representação do universo dos encarregados de educação de crianças com características de sobredotação, pelo que o alargamento da recolha de dados junto de outros pais, comparando até percepções de pais e de mães, permitiria conhecer e confrontar opiniões diversas, possibilitando uma caracterização e um conhecimento mais aprofundado sobre as percepções das vivências de pais de filhos sobredotados. No mesmo sentido, escutar as percepções dos professores poderia ser uma fonte de informação complementar e relevante. Além disso, o levantamento das percepções dos pais e dos professores poderá orientar a elaboração e aplicação de programas de intervenção, que lhes podem ser dirigidos visando colmatar algumas das suas necessidades, pois quando os técnicos realizam intervenção educacional junto das crianças, é importante que não as considerem como um elemento isolado, mas integrado num sistema familiar com características e dinâmicas próprias, que os técnicos precisam conhecer (Alves, 2008; Miranda, 2008).

A partir desta investigação, ainda que não se possam, de forma alguma, generalizar os resultados, pode refletir-se sobre o apoio prestado aos pais e às famílias a respeito da sobredotação e à dinâmica nas relações estabelecidas entre professores, pais e alunos. Numa região onde a atenção à sobredotação vem sendo promovida, importa, também nestes casos, promover o envolvimento parental na escola para que esta, prestando um serviço educativo em função da diversidade dos alunos, se possa chamar realmente inclusiva.

Referências bibliográficas:

Alencar, E. (2007). Características sócio-emocionais do superdotado: Questões atuais. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 371-378.



Almeida, L. S., & Oliveira, E. P. (2000). Os professores na identificação dos alunos sobredotados. In L. S. Almeida, E. P. Oliveira, & A. S. Melo (Orgs.), *Alunos sobredotados: Contributos para a sua identificação e apoio* (pp. 43-53). Braga: ANEIS.

Almeida, L., Pereira, M., Miranda, L., & Oliveira, E. (2003). A investigação na área da sobredotação em Portugal: Projetos e resultados. *Sobredotação*, 4(1), 7-27.

Alves, H. (2008). *Estratégias Educativas: Os casos das famílias de crianças sobredotadas*. Tese de mestrado. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Antunes, A., & Almeida, L. (2008). O atendimento educativo dos sobredotados: Ritmos diferentes nos Estados Unidos, na Europa e em Portugal. *Diversidades*, 19, 4-8.

Araújo, L. (2010). *Excelência em contextos de realização: Na busca da convergência de fatores cognitivos, motivacionais e de personalidade*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho, Braga.

Aspesi, C. C. (2003). *Processos familiares relacionados ao desenvolvimento de comportamentos de superdotação em crianças de idade pré-escolar*. Tese de mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.

Aspesi, C. C. (2007). A família do aluno com altas habilidades/superdotação. Em D. S. Fleith (Org.), *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação. O aluno e a família* (pp. 29-47). Brasília: Ministério da Educação.

Azinhairo, A., & Martins, T. (2005). Intervenção com pais de crianças sobredotadas: Reflexões e Propostas. *Sobredotação*, 3(6), 139-147.

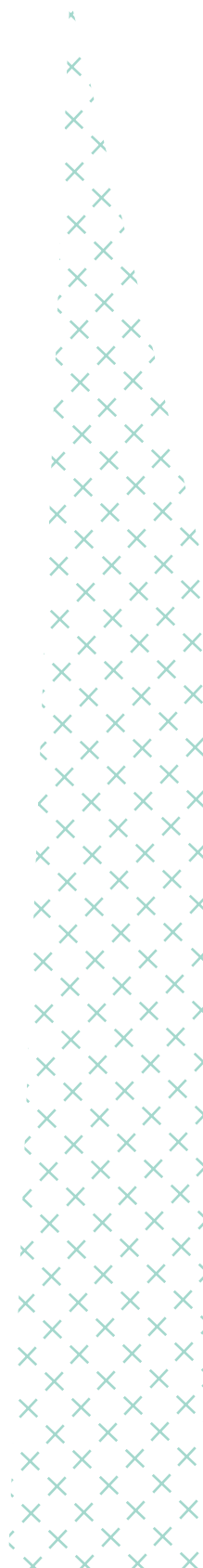

Bastos, A. (2009). *A percepção dos professores sobre os alunos sobredotados versus o alheamento da escola*. Tese de mestrado. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto.

Candeias, A., Duarte, M., Araújo, L., Albano, A., Silvestre, A., Santos, A. F., Aguelhes, F., & Claudino, P. (2003). Avaliação da sobredotação: Percepções parentais. *Sobredotação*, 4(1), 75-93.

Cardoso, E. A. (2008). *A percepção da qualidade de vida, estratégias de coping e stress em famílias com crianças e adolescentes sobredotadas: Um estudo ex-*

- ploratório. Tese de mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Chagas, J., & Fleith, D. (2009). Estudo comparativo sobre superdotação com famílias em situação económica desfavorecida. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 15(1), 155 -170.
- Comes, G., Díaz, E., Luque, A., & Moliner, O. (2008). La evaluación psicopedagógica del alumnado com altas capacidades intelectuales. *Revista Educación Inclusiva*, 1, 103-117.
- Fleith, D. (2007). A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação. Brasília: Ministério da Educação.
- Fleith, D., Almeida, L., Alencar, E., & Miranda, L. (2010). Educação do aluno sobredotado no Brasil e em Portugal: uma análise comparativa. *Revista Lusófona de Educação*, 16, 75-88.
- Goethel, A. (2012). Parent, teachers and self perceptions of gifted student social skills. Master Thesis. University of Wisconsin – La Crosse.
- Guether, Z. (2000). Desenvolver capacidades e talentos. Petrópolis: Editora Vozes.
- Langel, D., Pires, L., & Troconi, L. (2009). Concepção de altas habilidades/superdotação em instituições públicas de ensino em Uberlândia – MG. *Revista da Católica*, 1(1), 192-200.
- Learning, A. (2004). *The journey: A handbook for parents of children who are gifted and talented*. Boulevard: Learning and Teaching Resources Branch.
- Lehamn, E., & Erdwins, C. (2004). The social and emotional adjustment of young intellectually gifted children. In S. M. Moon (Ed.), *Social/emotional issues, underachievement and counseling of gifted and talented students* (pp. 1-8). Thousand, Oaks: Corwin.
- Maia-Pinto, R. (2012). Aceleração de ensino na educação infantil: Percepção de alunos superdotados, mães e professores. Tese de doutoramento. Universidade de Brasília, Brasília.
- Maxwell, M. (2007). Career counseling is personal counseling: A constructivist approach to nurturing the development of gifted female adolescents. *The Career Development Quarterly*, 55, 206-224.
- Miranda, L. (2008). Da identificação às respostas educativas para alunos so-

- bredotados: Construção, aplicação e avaliação de um programa de enriquecimento escolar. Tese de doutoramento. Universidade do Minho, Braga.
- Oliveira, E. (2007). Alunos sobredotados: A aceleração escolar como resposta educativa. Tese de doutoramento. Universidade do Minho, Braga.
- Pacheco, N. S. (2008). O follow up de crianças alvo de medidas de aceleração escolar entre os anos de 2001-2007. Tese de mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Pérez, L. (2000). Educación familiar de los niños sobredotados: Necesidades y alternativas. *Sobredotação*, 1(1), 47 – 62.
- Pérez, S. (2004). Gasparzinho vai à escola: Um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo. Tese de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Pickel, L. (2011). Parent perceptions of preadolescent giftedness and self-concept. Master Thesis. Philadelphia College of Osteopathic Medicine, Philadelphia.
- Reis, S., & McCoach, D. (2000). The underachievement of gifted students: What do we know and where do we go? *Gifted Child Quarterly*, 44(3), 152-170.
- Robinson, A., Shore, B. M., & Enersen, D. L. (2007). Best practices in gifted education: An evidence-based guide. Waco, TX: Prufrock Press.
- Rodrigues, N. (2010). Pais de crianças Sobredotadas: Representações e dimensões parentais. Tese de mestrado. Universidade de Lisboa: Lisboa.
- Rotigel, J. (2003). Understanding the young gifted child guidelines for parents, families and educators. *Early Childhood Education Journal*, 30(4), 209-214.
- Silva, I. (2012). O (in)sucesso escolar das crianças sobredotadas: Percepção dos docentes. Tese de Mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.
- Silva, M. G. (2008). A entrada antecipada no 1º ciclo do ensino básico: Efeitos a médio e a longo prazo no ajustamento socioafectivo dos alunos. Tese de mestrado não publicada. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Silva, P., & Fleith, D. (2008). A influência da família no desenvolvimento da superdotação. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 12(2), 337-349.
- Tai, D. (2012). Parenting exceptionally gifted students: A Hong Kong perspective. *Talent Talks*, 3(2), 13 – 18.
- Tam, C. (2012). Parenting and the social-emotional development of gifted stu-



dents in Hong Kong: What does the literature say? Talent Talks, 3(2), 9 -11.

Teixeira, M. (2011). A intervenção da DREER na Sobredotação: Presente e futuro. *Diversidades*, 34, 19- 20.

Trancoso, B. (2011). Percepções de alunos sobredotados acerca das relações entre o desenvolvimento socioemocional e o desempenho académico. Tese de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Virgolim, A. M. R. (2003). A criança superdotada e a questão da diferença: Um olhar sobre suas necessidades emocionais, sociais e cognitivas. *Linhas Críticas*, 9(16), 13-31.

Winner, E. (1996). *Crianças sobredotadas: Mitos e realidades*. Lisboa: Instituto Piaget.

Catarina P. Faria

Beco do Abrigo de Nossa Senhora de Fátima nº 21
9020-405 Funchal, Região Autónoma da Madeira
catarinapereirafaria@hotmail.com